Vida de Louco

Deoclécio Henrique Correia

Vida de Louco

Prefácio

O objetivo deste livro além de entreter é dar também uma atenção aos deficientes mentais, que são tão prejudicados e discriminados pela sociedade, a confusão mental não é motivo para riso, e no contexto desta história meus heróis tem a deficiência a favor deles, pois só assim podem ser criaturas puras, que veem o mundo com mais simplicidade e para eles os desequilibrados somos nós, os destemperados, nervosos, viciados, etc. Nessas histórias o que eles mais prezam é a liberdade, coisa da qual nós já nem sabemos o que é e nem fazemos questão de ter, enquanto algumas criaturas se esforçam para fazer coisas simples e dão valor a isso, outras simplesmente menosprezam, vivendo com menos intensidade momentos verdadeiros da vida, porque a todo instante estão

vivendo o agora e não o daqui a pouco, ou pior, vivendo no passado.

Esse é um novo prefácio, mas transcrevo aqui o prefácio da primeira edição, porque acho que ele tem tudo a ver com um momento da minha vida, não estou falando do passado, está bem, estou sim, mas como dizia, transcrevo a primeira versão do prefácio acho que vale a pena e tem tudo a ver com o enredo deste delicioso livro.

Além do mais dá um aspecto importante para a obra, este é o prefácio da primeira edição:

Prefácio da primeira edição

Em meados do ano de 1987, eu então com os meus quinze anos, resolvi de uma hora para outra assumir um compromisso comigo mesmo.

Queria fazer algo novo, me propor um desafio, escrever uma longa história e ver como afinal eu me saia, foi assim sem notórias mudanças que nasceu o livro Vida de Louco.

O desafio era escrever uma longa história, ou seja, um livro, e ele deveria ser divertido. Influenciado por alguns filmes e seriados americanos, é claro, e outras brincadeiras da minha infância. Tinha a pretensão de escrever histórias melhores das que lia e assistia na televisão, isso graças ao meu senso crítico latente já naquela época. Detestava finais insossos.

Criar a história era fácil, o difícil é traduzi-la da minha louca

cabeça para o papel. Erros de ortografia, concordância apareciam em enxurradas enquanto ia atropelando tudo com minha ansiedade literária. Escrevia a mão, e confesso que não compreendia nem mesmo o que escrevia graças aos meus garranchos, escrever a máquina e depois no computador me ajudaram muito neste processo, mas fico imaginando quantos escritores já não desistiram ao se deparar com as inúmeras barreiras da vida. Reformei, ou melhor, revisei este livro pelo menos umas seis vezes, mudando, tirando, acrescentando de simples palavras a capítulos inteiros e até personagens, tudo para melhorar e torná-lo mais legível. Agora sei como é valioso o trabalho de um revisor ou um tradutor.

Começar parece sempre uma tarefa difícil, mas desta vez não foi, já que os personagens já existiam dentro da minha cabeça, o enredo, por incrível que pareça foi surgindo conforme eu escrevia, agora prefiro fazer antes um plano de tudo que escrevo, mas mesmo assim surgem ideias no meio do processo criativo, até mesmo no processo de revisão.

Querendo criar alguma coisa absolutamente original, hoje em dia não é tanto, mas até o final da década de oitenta a maioria dos heróis eram fantasiosos demais, com superpores e sem muito partido para tomar. Meus heróis não são belos, mas repugnantes; não são perfeitos, mas raquíticos e defeituosos; não são robustos e saudáveis, mas anêmicos, doentes e loucos. Esse é o retrato do herói do qual todos nós precisamos, não aqueles que nos dão somente segurança, mas sobre tudo que inspirem medo, principalmente o de contágio.

Essas malignas criaturas já possuíam nomes, eram José e Velho, personagens que nasceram de brincadeiras infantis, personagens adaptados da televisão, que eram imitados como qualquer criança que brinque de Batman e Robin, eu preferia brincar de José e Velho. São criaturas atrozes que não saiam de

minha cabeça, até que chega um dia que coloquei-os no papel e me deixaram em paz, desde que rigorosamente dominados com papel e caneta.

Esses dois loucos personagens são apenas um ponto de referência do que todo mundo queria ser, é a vontade contida que todo mundo tem de desmascarar o monótono cotidiano, ou seja, fazer de vez em quando uma tremenda loucura, mas somos impedidos de tais atos por falta de uma carteira que comprove nossa insanidade e que nos dê essa habilitação de agirmos informalmente. É por isso que os personagens de hora em hora sacam de suas respectivas carteirinhas de debilitados para comprovar a falta de razão para seus atos insanos.

Aqui eles não estão apenas querendo dar justificativa a seus atos incomuns, mas sim procurando a liberdade de agir em comunidade. Assim eles lutam desarmoniosamente com os pensamentos mais medievais numa análise pouco ortodoxa da psiquiatria antiga, da que os loucos eram animais sem alma, sendo assim, não passariam de carcaça ambulantes, ou zumbis.

Os personagens e o tema já estavam escolhidos enquanto arranhava o lápis velozmente sobre o papel, as ideias vinham e as traduzia ortograficamente.

A grande verdade é que... não quero dizer que estava mentindo o tempo todo com esta frase inicial, mas sim esclarecer algo. Digo que não havia texto ou ideia pre concebida, ou um final esperado. Como não tinha nada a perder, porque era para mim uma brincadeira, assim como é hoje, colocava tudo que me vinha a cabeça, por isso que a primeira vez não se aproveitava muita coisa do texto, que para melhor entendimento, como já se disse, foi modificado até ficar no ponto que esta agora.

Depois de finalizar o original, senti-me satisfeito com as três folhas de almaço que havia sacrificado para compor esta obra

pela primeira vez, o livro estava completo, dividido em capítulos, tendo um começo, um meio e um fim, talvez o mais importante de tudo, tinha pé e cabeça, sendo mais explicito, fazia sentido. Não há nada mais frustante que ler um livro do qual não se esta entendendo e para piorar o final não faz sentido algum, fica algo incompleto, dá a impressão de que o autor quis enganar o leitor, e talvez a intenção tenha sido essa mesma.

Voltando ao meu livro.

As várias piadas e cenas engraçadas apareciam involuntariamente no texto, algumas colocava propositadamente para ter o efeito que tem, o de distrair o leitor e cativá-lo pelo humor, isso torna qualquer leitura mais agradável.

No final das contas percebi que trazia comigo um talento espontâneo para escrever histórias e isso me incentivou a escrever mais algumas coisas. Claro que os protótipos eram terríveis, e achava mais graça dos erros e das confusões de linguagem do que do próprio texto que também era muito engraçado. Óbvio que me vi obrigado a tirar certas cenas engraçadas do texto, ou por motivo de repetitividade ou por já ter ouvido algo parecido em algum lugar, e sem querer acabei colocando durante o êxtase literário, deixando-o pouco original, coisa que me desagrada bastante.

O livro foi nascendo aos poucos, sabia que ainda não estava preparado e ainda teria que aperfeiçoar muitas coisas, faltavam palavras exatas, algumas coisas não faziam sentido, outras fui obrigado a tirar do texto por não terem o menor sentido e outras coisas que só se aprendem com o tempo.

E enquanto estudava e trabalhava, fui ensaiando outras obras, me dediquei a datilografia que me foi de grande utilidade e me ajudou a acelerar o processo, era mais rápido e

fácil, e o melhor de tudo é que dava para entender o que eu escrevia, mas os dedos ansiosos erravam e rebatiam muitas vezes, o que contribuiu para considerar mais horas de treino.

Para encurtar a história, chegou um grande aliado, o computador, que só consumia dados e os guardava para quando eu os precisasse e graças a esse grande invento é que ele está aqui.

De um simples desafio sem a menor intenção de mostrar nada a ninguém nasceu uma paixão que com o decorrer dos anos foi crescendo e se aperfeiçoando a cada dia pela arte de criar histórias onde poderia brincar de Deus num pedaço de papel e dar rumo a vida de cada personagem de acordo com o seu merecimento.

Vida de Louco pode ser um livro um pouco dinâmico demais por ainda manter um pouco de seu original quase ingênuo e prematuro de ideias pré concebidas.

Como primeiro livro, achei necessário caprichar no discurso de abertura, ou prefácio, talvez possa parecer um pouco maçante, se for o caso quero que o leitor pare de ler por aqui e comece a leitura da história imediatamente, ninguém é obrigado a se submeter aos dilemas de um novato inexperiente do ramo. Caso queira compartilhar delírios introdutórios, então prossiga e boa sorte.

Não há muito o que dizer também, o que tenho a dizer já esta escrito nas páginas anteriores, a única coisa que me resta agora é felicitar o leitor pelo bom gosto e desejar-lhe uma agradável leitura, que espero possa propor-lhe e que ele se divirta muito com a história, que não é apenas para ser lida, recomendo também como um exercício de meditação. O leitor deve estar se perguntando: ficar pensando num livro de humor? Para quê? Ficar rindo sozinho que nem um bobo? Claro que não, caro leitor, é que a obra além de divertir, possuí certo

conteúdo de protesto que deve ser levado muito a sério, mas no bom humor, é claro.

Sem mais nem menos, quero que você, amigo leitor, tenha uma ótima leitura. Divirta-se!

Prólogo

Em data recente, numa cidade qualquer de um lugar ignorado...

Aconteceu uma história, da qual narro agora, que emocionará os povos.

Numa cidade com amplo céu, vasto espaço para a visão e os pássaros, mas não o bastante para dois loucos.

José e Velho são os protagonistas destas história.

Agora uma pequena descrição pormenorizada desses sujeitos: José, a primeira vista sempre é um pouco chocante, mas com o tempo acha-se até graça, a cor de sua pele é amarelada, assim como uma vítima de hepatite, oque contribui para seu aspecto sólido, seus olhos são saltados, revelando uma alma doente, penetrantes em demasia com seus interlocutores,